



EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS E VISUAIS NA HISTORIOGRAFIA DO PADRE IBIAPINA¹

NASCIMENTO, Diógenes Faustino do. Mestre e doutorando em Ciências das Religiões\UFPB-CE-PPGCR. Graduado em História (UVA-CE). (E-mail: diogenesnascimento@hotmail.com; CV: <http://lattes.cnpq.br/7095216753283882>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7677-2267>)

CAVALCANTI, Carlos André Macêdo. Professor Doutor (UFPE) e Pós-Doutor (PUC) na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, onde atua no ensino e na pesquisa, níveis de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Ciências e História das Religiões.

RESUMO

Neste capítulo pretendemos analisar algumas das principais obras editoriais e biográfica a respeito da vida e da ação religiosa de Ibiapina. *O Padre Ibiapina* (NOGUEIRA, 1888), *Padre Ibiapina – traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara* (SILVA, 1913 e '15), *Ibiapina: Um Apóstolo do Nordeste* (MARIZ, 1997) e *A Missão Ibiapina* (CARVALHO, 2008). Intentamos assim perceber as relações e implicações dos fatores sociais, políticos e religiosos para o agir catequético do padre.

Palavras-Chave: Imaginário. Beatas. Casas de Caridades. Religiosidade popular. Historiografia.

ABSTRACT

In this chapter we intend to analyze some of the main editorial and biographical works about Ibiapina's life and religious action. Father Ibiapina (NOGUEIRA, 1888), Father Ibiapina - biographical traces found in the archive of the Santa Fe Charity House in Arara (SILVA, 1913 and '15), Ibiapina: An Apostle of the Northeast (MARIZ, 1997) and The Mission Ibiapina (CARVALHO, 2008). We try to understand the relationships and implications of social, political and religious factors for the catechetical action of the priest.

Keywords: Imaginary. Beatas. Charity houses. Popular religiosity. Historiography.

1 IBIAPINA POR SEUS EDITORES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As escolhas das obras referenciais se justificam uma vez que todas foram editadas a partir do mesmo referencial bibliográfico a saber, O Padre Ibiapina de Paulino Nogueira, um com mais outros com menos reconhecimento primário ao editor. Mas todos passaram a comentar e ressaltar a personalidade emblemática do padre Ibiapina via os pequenos manuscritos deixados nas Casas de Caridades relatando sua vida e missão.

Nas obras de Celso Mariz, José Paulino Duarte e Paulino Nogueira, observar-se que estas só se fizeram devido aos pequenos manuscritos como os de Antônio Modesto de Maria Ibiapina e de Dona Amália Xavier e das cartas que Ibiapina escrevia para as CC. Modesto viveu 52 anos dedicados as obras de caridades do padre. O irmão Antônio Modesto foi responsável pelas informações e descrições dos últimos dias da vida do Mestre. Celso Mariz escreveu sua obra a partir dessas cartas, relatos e declarações encontradas em Santa Fé e ou enviadas por seus amigos, sobre fatos e documentos relativo

¹ O texto é parte do capítulo III da dissertação de mestrado com o título: **O Imaginário da Libertação pela caridade: Ibiapina e as missões de Santa Fé na Paraíba**. 2017. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências das Religiões – CE/PPGCR). PARAÍBA: UFPB, 2017. CDU 2-853(043). p. 59 – 71.



as práticas missionárias do Mestre Ibiapina em outros Estados. Carvalho (2008) faz uso desse e de outros escritos em várias partes de sua obra para chamar a atenção para a consciência histórica dos que rodeavam o Padre Ibiapina. Ernando Teixeira faz o uso constante e recorrente dos manuscritos, cartas e relatos para produzir suas obras.

1.1. “Pereirinha”

Há 128 anos Paulino Nogueira² publicava na Revista do Instituto do Ceará (RIC) o primeiro documento biográfico sobre Ibiapina, e desde então sua vida e obra é objeto de pesquisa em Universidades e de mitificações pelo povo nordestino que visita o Santuário em Santa Fé.

Nogueira foi um dos fundadores da RIC e da Faculdade Livre de Direito do Ceará, foi advogado, desembargador, secretária do Governo da Província da Bahia, vice presidente e deputado da Província do Ceará pelo partido Conservador. Recebeu o título de cavaleiro da Ordem de Cristo. Ele nasceu em 27 de fevereiro de 1842 falecendo em 15 de julho de 1908 (NOGUEIRA, 1960).

Sua obra literária pode ser considerada um marco iniciático e fundante para a consolidação do mito⁴ Ibiapina. Numa linguagem cristianizada diríamos que Nogueira foi o responsável pela propagação das práticas e valores vividos e disseminados pelo missionário cristão para seus seguidores nos séculos seguintes aos da publicação de sua obra. Fato é que após a publicação da obra O PADRE IBIAPINA, na RIC em 1888 por ocasião do 5º aniversário de falecimento do padre, seguiu-se inúmeras publicações e relatos que corroboraram para uma vasta bibliografia sobre o referido assunto. Visão esta já defendida por Carvalho (2008).

Seu texto tem início com uma exaltação ao caráter, a humildade, ao reconhecimento póstumo àquele que fora “predestinado” a vida missionária. O autor faz uso de quatro longas páginas poéticas para justificar tamanho reconhecimento público. Mesmo quando os discursos e posicionamentos contrariavam seus interesses partidários, logo se alegava que o nobre deputado Ibiapina estaria demasiadamente imbuído dos nobres interesses populares e não conseguia enxergar a benevolência do regente e de seus pares.

Nas páginas seguintes, ressalta o empenho da família para garantir bons meios para que o filho desenvolvesse suas habilidades e potenciais. Pormenorizadamente descreve todo seu trajeto de vida e morte.

Sua organização era fraca, por isso os colegas chamavam-no Pereirinha em contraposição a outros mais corpulentos e robustos. Em princípios de 1823 Francisco Miguel poz-se de viagem para a capital, com toda a família, menos a idolatrada esposa, que havia falecido vítima de um aborto. (p. 164)

Accusaram-n’o, sem razão, de ingrato, por não ter acompanhado os amigos de seu pae. No terreno das ideias, dos interesses geraes, tão somente, traduzir por ingratidão a divergência de opinião...Ingrato! porque não acompanhava o governo, fonte de todas as graças e benefícios. [...] Ingrato! Porque, renunciando os favores da situação, preferira seguir os ditames da sua consciência e os que estavam pelo poder votados ao ostracismo (p. 173)

² Paulino Nogueira é percebido como o primeiro biógrafo do padre Ibiapina com a primeira publicação em 1888 na RIC, nº 2, p 157-220 (CARVALHO, 2008, p. 17).

³A partir da ótica de Mircea Eliade passo a usá-la para dizer que suas obras e sua biografia é constantemente revivida, reatualizada, afim de resgatar uma experiência da qual não vivenciaram “*in illo tempore*”; é uma busca por uma experiência religiosa aberta e capaz de sacralizar o real perceptível.

⁴ “‘Sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schémes’[...]é o remate de todo o processo da imaginação, liberando energia biológica e psíquica para os indivíduos e as sociedades resolverem seus impasses existenciais. [...] ensinando através da repetição, uma proposta de organização do mundo e da sociedade” (CAVALCANTI, 2015, p. 3). [Veja como a filosofia compreende o mito no glossário desta dissertação.](#)



Os recortes acima podem demonstrar como Paulino Nogueira contribuiu para uma construção imagética e mítica do padre Ibiapina. Os relatos podem ser entendidos como uma analogia ao Sermão da Montanha descrito no evangelho de Mateus capítulo 5, versículos de 3 a 12. Também conhecido como as bem-aventuranças. Em nota de rodapé da edição Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)⁵, os editores afirmam que esse texto das bem-aventuranças é uma pré catequese e que antecede o anúncio do reino sagrado. E que as felicitações se destina aos que se colocam ao serviço do anúncio desse mesmo reino para as pessoas próximas. O mesmo ocorre quando o biógrafo resolve destacar o apelido – Pereirinha. É uma forma a ser utilizada para demonstrar que os humildes foram exaltados (cf. Mt. 5, vs. 12).

“Tendo sido infeliz no cumprimento do primeiro dever, tratou de cumprir o outro”
(NOGUEIRA, 1888, p. 174)

Por conseguinte, recordemos da peleja de Jonas⁶ com a baleia:

“³ Porém, Jonas se levantou para fugir da presença do Senhor para Társis [...] ¹⁷ Preparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe” (capítulo 1)

“¹⁰ Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra seca.”(capítulo 2).

Assim o leitor dos escritos de Paulino Nogueira é levado a fazer uma analogia de Jonas com o padre Ibiapina. Jonas foge da sua missão em Társis enquanto o padre Ibiapina havia saído do seminário para a vida pública. Só retornando depois de tantas desilusões, de ter sido incompreendido pelos amigos de seu pai e por seus corregilhões.

Ao fazer a descrição da vida do advogado, do juiz, do deputado e missionário, Paulino está evidenciando, mesmo sem saber, o perfil mitológico desse sacerdote. E ao cabo, suscita em seus seguidores uma pertença e uma identificação na busca pelo sagrado. O resgate da condição anterior a “queda” adâmica. Oferecendo ao povo das missões um precedente exemplar para todas as ações e situações que possam promover uma experiência visível da eternidade.

Aos ditames de Eliade, poderíamos supor que o caminho traçado por José Antônio de Maria Ibiapina até a ordenação foi uma dessacralização em vista de uma pertença profana percebida em sua dificuldade para reencontrar as dimensões do homem religioso e sua própria maneira de viver no mundo. Foi preciso vivenciar uma experiência primária que ele a interpretou como sendo uma teofania sagrada – os 3 anos de deserto no sítio em Olinda, a conversa com o amigo Américo Militão de Freitas tido como interlocutor da ordenação sacerdotal junto a Dom Perdigão (NOGUEIRA, 1888, p. 194 - 202)

Ao fim do texto fica mais evidente a ênfase dada aos aspectos heróicos e mitológicos da vida e da missão desse missionário do nordeste. E para não termos dúvidas de sua dimensão sagrada, o autor termina seu escrito com as seguintes palavras: “Quando foi 2 horas da tarde rendeu a alma ao Criador. Nessa ocasião ouviu-se um trovão, viram-se alguns relâmpagos e cahiu uma chuvinha [...] Contava 77 anos de idade e 30 de vida apostólica” (NOGUEIRA, 1888, p. 219). Através da produção e promoção de relatos dessa natureza que se fomenta a construção do mito Ibiapina, que se estabelece um culto perene em torno das obras e vida do missionário. Ora, ELIADE (1992, p. 333 - 352; 1972, p.103) e WUNENBURGER (2007, p. 65 - 67) nos asseguram que uma das funções do mito é a de promover a alegria, a de fixar um exemplo e reproduzir um oráculo.

⁵ Tradução Ecumênica da Bíblia. Essa tradução baseia-se nos escritos originais da tradução francesa TEB. Foi organizada e editada por estudiosos de diversas confissões cristãs e judaicas. Aprovada pela CNBB conforme canon 825§§1 e 2

⁶ Ibidem, Livro de Jonas, capítulo 1 e 2.



Antes dessas palavras Nogueira relata que Ibiapina teria visto a Mãe de Deus e demonstrou isso as beatas que estavam ao seu lado. Depois volta a fazer analogias com personagens da religiosidade cristã como Paulo de Tarso e Francisco das Chagas.

Esse conjunto de analogias e descrição de visões reforçam aspectos de um homem religioso que reatualiza a cosmogonia ao dominar novos mundos, a regenerar o humano e sacralizar o *modus vivendus*, ou seja, sacralizar a dimensão existencial. E assim, ao narrar o que estava vendo, padre Ibiapina poderia estar demonstrando o seu (re)encontro com os “deuses” tal qual nos primórdios - *in illo tempore*.

Se fora realidade ou não o que o padre Ibiapina descrevera, o que deve ser considerado é que com isso ele revelou uma epifania, um pensamento indireto da realidade e até mesmo uma presença figurada da transcendência que havia naquele relato. E assim assegurava aos presentes um mistério pessoal, uma comunicação direta com o indizível e irrepresentável representado simbolicamente na transfiguração da mãe de Jesus (Maria). Levando as beatas e devotos da missão a apreender a realidade restauradora por meio da consciência humana por vias perceptíveis. Função específica da imaginação simbólica, segundo Durand (2000).

Também se assegura nessa narrativa a vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Assegura-se ainda, o prêmio da bem-aventurança aos fiéis e humildes devotos que contemplarão a eternidade. Temas presentes nos sermões e cartas de Ibiapina.

[...] O imaginal ou o espírito não são mais que a ausência, o vazio significativo ... – ou seja, simbólico – do ser. Na imagem mais humilde, no imaginário mais incoerente, trabalha já a procura imaginal ou do espírito [...] O “não lugar” espiritual de que fala Lambert é denominado e compreendido como “não lugar concreto – e não como nada, ou seja, como sentido simbolizado de todos os lugares [...] a lição que nos dá o espelho é mostrar-nos que toda imagem tem um inverso, ela proclama a evidência do oculto (DURAND, 2000, p. 242 - 243)

O imaginário vê-se abordado [...] seja como o meio de enriquecimento do homem [...] é a expressão das disposições descontroladas do corpo e pelo efeito amplificado das emoções e paixões que nos conduzem antes a crer na realidade de nossas representações do que na ordem objetiva do mundo. [...] o imaginário é o espelho das nossas emoções... (WUNENBURGER 2007, p.66).

Dessa maneira Paulino Nogueira, mesmo sem ter consciência, estaria promovendo uma reanimação hermenêutica do mito Ibiapina por vias narrativas e argumentativas, protagonizando a passagem do mito tradicional ao literário⁷. A estrutura poética, dialética, a recorrência analógica aos mitos bíblicos e o caráter nostálgico presente por todo texto é uma amostra dessa assertiva (WUNENBURGER, 2007, p. 49 - 50). Ibiapina poderia ser percebido nesse contexto mítico-social e político uma vez que suas ações abarcam campos do agir humano tanto sociais quanto políticos e religiosos.

Sua contribuição para a bibliografia e para os devotos do padre Ibiapina se dá nesse contexto de assegurar e garantir que seus ditos, escritos e feitos permaneçam lembrados e rememorados no imaginário dos devotos e amigos do Pai e Mestre das missões.

⁷ Segundo Jean Jacques Wunenburger, é uma forma de oferecer sentido ao mito num novo contexto cultural por meio de uma narrativa argumentativa promovendo a passagem do mito tradicional ao literário. Este seria apenas um dos três caminhos para essa passagem. Um outro aporte seria o da transfiguração barroca e a bricolagem mítica.



1.2. “Uma vida cumprida a sol”

Cônego José Paulino Duarte da Silva nasceu em Natal, no dia 26 de novembro de 1847, filho de Nicolau Pereira da Silva e Vitória Egípcia das Candeias. Foi ordenado sacerdote em 31 de março de 1837. Em 1911 passou a administrar o povoado de Arara fixando residência em Santa Fé, onde permaneceu até 1930. Faleceu em Recife, no dia 14 de abril de 1936 (CARVALHO, 2008, p. 15).

Consideremos que Paulino Duarte dá prosseguimento aos relatos e aos fatos da vida e morte de Ibiapina. Pactua da mesma metodologia de Paulino Nogueira.

A convivência na Casa de Santa Fé pode ter-lhe oferecido as condições ideais para compreender e experienciar nas mesmas sensações, nas mesmas percepções já vivenciadas pelos filhos e filhas do Mestre. Sua obra editorial, publicada primeiro na RIC, A Imprensa (Paraíba) e outra em 1915 pela tipografia pernambucana, enfatizam o aspecto sofrido, humilde e de predestinação ou vocação do missionário.

O editor desenvolve um relato pormenorizado das missões, da fundação das CC, dos desentendimentos, incompreensões e das relações de amizade no cotidiano do advogado, juiz, irmão, padre e missionário. E assim contribuiu para um resgate historiográfico do Missionário do Nordeste.

O destaque maior deve ser observado na persistência das analogias com figuras bíblicas e santos cristãos tais como Moisés e São Vicente de Paulo. Um outro aporte se percebe ao destaque dado a pobreza e a humildade como sinal de bênção sagrada e de confirmação da missão.

“pois o filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45)

“Fez um hospital para a casa; deu habito de Nossa Senhora do Carmo a cinco irmãs; admitiu muitas na ordem de irmãs de Caridade” (SILVA, 1915, p. 123).

Esse trecho extraído da publicação de 1915 antecede ao relato da enfermidade e morte do padre. Por toda a obra se mantém esses mitemas vida/morte, alegria/dor, calor/chuva, esperança/agonia. Assim como os demais editores, ele se utiliza das cartas, crônicas e relatos encontrados na Casa de Santa Fé.

1.3. “O educador do Nordeste”

Para Celso Mariz (1997) cabe o destaque ao educador, ao zelo e a preocupação com sua formação e amparo às mulheres, a divulgação de certas cartas, do estatuto das casas de caridade, um retrato do momento da Igreja e sua peleja com outras religiões.

As notas de roda pé, ao contrário das de Carvalho (2008), são apenas transcrições de facsímile de documentos para referendar seus escritos. Mais uma vez a obra missionária do padre Ibiapina recebe seu reconhecimento. Mesmo em meio a Segunda Guerra Mundial a obra: Ibiapina, um Missionário do Nordeste, é acolhida pela UFPB e tida como instrumento de interesse comum capaz de suscitar uma consciência histórica e social.

Seu arcabouço se firma numa colaboração historiográfica e eclesiológica. Sem com isso deixar de relacionar a importância desse religioso para a formação do catolicismo brasileiro. O que se percebe é a pouca ênfase dada ao protagonismo educacional promovido pelo sacerdote. Talvez porque já tivesse preferido tratar desse tema relacionando-o ao padre Rolim, de Cajazeiras.

8 Jornal Católico fundado em 1897 pelo primeiro arcebispo da Paraíba, Dom Adauto, com a finalidade de propagar a fé e os princípios cristãos e mesmo em meios a interrupção funcionou até 1946.



1.4. “Eu sou o Servo”

A Missão Ibiapina é uma obra editorial, se não for a mais esclarecedora, é a que mais aproxima o leitor do cotidiano da vida e da missão do padre Ibiapina por nos esclarecer aspectos antes esquecidos ou inconclusos por seus editores.

Fato relevante se nota quanto a designação da fonte bibliográfica primária de Ibiapina. A esse respeito diz Carvalho (2008) - [...] existe uma tradição cearense em torno de Paulino Nogueira e outra em torno de José Paulino Duarte, como se ambos fosse biógrafos (p. 17).

Ao comparar os textos publicados por Paulino Duarte (Padre Ibiapina – traços biográficos encontrados no arquivo da casa de Caridade de Santa Fé, em Arara) no jornal “A Imprensa” aos de Paulino Nogueira (O Padre Ibiapina) publicado na RIC, Ernando Teixeira chega a assegurar que Paulino Nogueira é o primeiro biógrafo de Ibiapina e aos demais cabe a tarefa de editores. Equívoco, que segundo ele, se deu a partir da publicação de Celso Mariz (1997) ao relacionar Duarte como biógrafo. Carvalho (2008) acredita que a publicação no Jornal “A Imprensa” trinta anos após sua morte é uma clara demonstração de reconhecimento incontestável do trabalho e da dedicação de Ibiapina com a Igreja e a Missão. Fato sempre recorrente nas notas introdutórias de retomada das publicações, afinal foram 25 números publicados pelo jornal a “A Imprensa”, enfatizando o caráter histórico e humanístico de sua obra missionária.

Em seu primeiro capítulo, Carvalho nos apresenta vários relatos que apontam para um Ibiapina envolto as preocupações do sofrimento humano: a seca, a fome, as doenças, as credices do povo humilde. Mas não deixa de enfatizar o caráter religioso de sua missão e sua importância histórica para a Igreja da Paraíba e do Brasil.

Por todo o livro somos levados a uma perene questão – conciliar na mesma pessoa o revolucionário social com o moralista religioso imbuído dos princípios curiáticos romanos. Afinal “Ibiapina tomou como metodologia fundante dos seus sermões algumas perícopes dos livros sapienciais: Eclesiastes e Provérbios, e assim buscou legitimar suas atividades à luz do evangelho e da literatura sapiencial para se contrapor a situação de abandono, exclusão e falta de assistência na qual o povo se encontrava” (LIMA, 2011).

O que se percebe nitidamente é que os recortes de relatos classificados por Ernando Teixeira de Carvalho priorizam os caminhos de Ibiapina no território paraibano e em destacar a opção preferencial do missionário pelos mais pobres e marginalizados.

Outras obras que não foram aqui dissertadas, não o foram por acreditarmos que as já mencionadas atenderam ao que nos propomos.

2. O PAPEL DA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Compreender o papel e o contributo das obras e ações de Ibiapina passa pelo reconhecimento da formação e fomento de uma tradição religiosa em torno de sua personalidade e de suas obras como coluna mitológica para a manutenção e consolidação do cristianismo à sua época, mesmo que essa percepção fosse notada apenas pelo mesmo.

Estamos averiguando uma construção linguística e visual tanto coletiva quanto individual. A esse respeito vale ressaltar que o cristianismo se forma numa plêiade de elementos mitológicos e históricos. Seus símbolos, ritos, figuras e rituais se coadunam milenarmente as culturas locais, ressignificando e aculturando-se para manter-se vivo.

A construção historiográfica: Relatos das Missões, Atas das Sessões da Assembleia, Cartas às Casas de Caridades, Cartas aos Regente das Províncias, Estatuto e Regimento das Casas de Caridade,



Máximas Espirituais, Poesias e Orações, seguem o oportuno elo de resgate dos acontecimentos e abre espaços para suas plausíveis interpretações e interpelações. Ao pesquisador cabe buscar uma harmonização do relato histórico com a vida espiritual. Sabendo-se, segundo Orígenes (De principils. IV, 2, 9), que ao cristianismo mito e ficção se equivalem a enigma e parábola, respectivamente (*apud* ELIADE, 1972, p. 117).

Os primeiros biógrafos de Ibiapina, aqui classificados como sendo do campo da tradição histórica, disseminaram uma construção imagética de um agente de religiosidade capaz de assegurar uma mudança no modo de existir, criou uma relação íntima entre os entes sagrados e o homem comum. Sua historicização perpassando por uma infância difícil, angustiada; uma adolescência cheia de dilemas e dores. E quando se espera que na maturidade esses dilemas tenham sido superados, surge novos mitemas e paradigmas. A dor, o sofrimento e a morte voltam a fazer parte da vida desse sacerdote. Dessa feita, surge como um dema⁹ a ser assassinado para gerar um mundo novo e renovado. Ao humano cabe a divinização e ao divino humanizar-se. Teremos assim um recado implícito de que ao fim se estabelece a ordem natural e a vida vence a morte (ELIADE, 1972, p. 77). A transcrição do relato da visão transfigurada de Maria e da glória celestial antes da morte corrobora para essa assertiva.

A's 6 horas d'amanhã ele olhou para a certa altura, ficou possuído de uma alegria extrema, e apontou dizendo: - Maria! Ali está Maria! Depois continuou para uma beata presente: - Minha filha, você está vendo Maria? [...] Lá está Maria[...] (NOGUEIRA, 1888, p. 219)

Nesse caso, a experiência da verbalização substituí os signos convencionais e abstratos incapazes de revelar, àquele momento, o que se pretendia claramente informar em aspectos humanos. A este grupo específico cabe a primazia do testemunho *ab origine*, não apenas recordam a história, a vivenciam. Para Mircea (1979) esse tipo de historiografia se faz útil por conservar a memória das façanhas, os nomes e personagens excepcionais e suas transmigrações. Para os gregos a memória histórica é tão importante quanto a das cosmogonias, teogonias e genealogias. Ambas superam o esquecimento e garante que a sociedade se firme a partir das experiências de outros. “Todos esses sistemas se propõem a encontrar o sentido e a direção da História universal”.

“Um sinal é uma parte do mundo físico do ser (being), um símbolo é uma parte do mundo humano do significado (meaning)” (CASSIRER, *apud* DURAND, 2000).

As expressões visuais e linguísticas tais como as percebidas nos sermões, nas missões, milagres e nas máximas são derivadas das expressões verbais contidas nos relatos historiográficos. Compreendem um conjunto de imagens e símbolos repletos de sacralidade que manifestam as crenças e hábitos de um determinado grupo social. No período medieval a iconografia expressava essa junção da palavra com a imagem.

Para Durand (1996) o ícone passa a ser uma revelação verdadeira da imagem, tornando-se um símbolo figurado capaz de produzir um sentido amplo e metalinguístico. Já Eliade defende que sem o

⁹ A. E. Jensen mostrou que a vida religiosa dos cultivadores de tubérculos da zona tropical centraliza-se em torno de divindades que ele denomina divindades do tipo dema, tomando o termo dema de empréstimo aos Marind-anim da Nova Guiné. Os Marind-anim designam com esse termo as criaturas divinas e os Entes Primordiais que existiram nos Tempos míticos. Os dema são descritos ora sob forma humana, ora sob forma de animais e plantas. O mito central narra a morte da divindade-dema pelos homens-denta, mais célebre dentre todos é o mito da jovem Hainuwele, registrado por Jensen em Ceram, uma das ilhas da Nova Guiné. (*apud* ELIADE, 1979).



símbolo estaríamos condenados a uma falsa percepção do sagrado ou até mesmo do cosmo. Wunenbuger, ao descrever a lógica do imaginário, afirma que independente da forma ou método a ser aplicado na pesquisa sobre o sagrado ou o religioso, ele (o imaginário) representa o todo e as partes numa mesma manifestação simbólica e inseparáveis que convergem para a imagem do sagrado.

Durand (1996, p. 87), por sua vez afirma que os símbolos ao serem substituídos pelo drama discursivo alimentam a dialética e o antagonismos dos termos e, por conseguinte atribui os papéis da história permitindo decidir aquilo que faz o momento histórico, a alma de uma época, de um século, de uma idade da vida. Ou seja, analisar tais estruturas simbólicas e imaginárias pode nos conduzir à uma assertiva segura a respeito do agir e do pensar desse missionário.

Na tradição Hindu, nos primórdios da civilização existia uma divindade chamada Varuna. Essa divindade tinha o poder mágico de livrar os homens do mal com seu canto e dava-lhes a imortalidade. As cordas com as quais ela liberta e liga todas as coisas representam a justiça, a administração e a segurança real e pública. Seguindo a mesma metodologia dos editores e biógrafos de Ibiapina, poderíamos por analogia encontrar alguns aspectos da tradição Hindu aos de uma provável tradição Ibiapina.

Pregou contra todos os vícios e objectos de distrações bem como contra os balões, biqueiras, violas e guitarras; e estes objectos que foram entregues espontaneamente que elle mandou queimar publicamente, isto é 48 violas, 45 guitarras, 5 maxinhos, 4 rabecas, 3 bandolins, 2 violões, 1 tamboril, [...]. Faça ideia, meu amigo, quantos objectos de distração existião n'esta freguesia e quanta vantagem resulta do exterminio n'estes objectos de prostituição, ociosidade e desordem. Ordinariamente um tocador de viola é ocioso, ebril e desordeiro, e uma viola somente é capaz de sustentar uma orgia que desvia a mais de 50 de seus deveres; somente em uma noite quantas botelhas de agoardente não se beberá! Quantas prostituições e sangue derramado! (*apud* RIBEIRO, 2003, p.44).

A situação em questão alude a uma admoestação para que o decaído retome a sua inteireza, se volte a convivência dos seus se afastando das orgias, da vadiagem, dos mancebos. Assim como Varuna, resguardando a analogia por comparação dialética, Ibiapina agia em defesa da segurança pública (a harmonia na Eclésia comum) e Real (Eclésia celestial). Os instrumentos utilizados para encantar os “vagabundos” e afastá-los do caminho da justiça e do trabalho, poderiam ser os mesmos que Varuna usaria para salvá-los do mal.

No entanto, diante do contexto temporal de Ibiapina, tais instrumentos deveriam ser evitados e queimados já que eram símbolos de embriaguez, prostituição e ociosidade. E ao final da queima das violas se cantava – “Já morreu o samba, Já venceu Jesus”. A queima das pontas dos vestidos estava relacionada a vaidade das moças.

Escavações arqueológicas comprovam que durante os longos sete séculos entre o final do século V a.C. e o século III d.C., Asclépio foi a divindade mais venerada em todo o território pan-mediterrâneo. Ficamos impressionados com o número de templos dedicados ao deus medicinal, desde o Oriente médio ao ocidente mediterrâneo. A razão é que Asclépio é o primeiro deus do panteão grego que desceu do repouso esplêndido no monte Olimpo para se envolver com a dor da humanidade das criaturas humanas e os grandes problemas de saúde enfrentados pelas pessoas[...] Mas a mesma arqueologia que nos revela a importância de Asclépio nos revela como, a partir do século II d.C., começa a aparecer, dentro de templos tradicionalmente dedicados a

¹⁰ Fazemos o uso do *apud* uma vez que as obras primárias (relatos e cartas) se encontrarem em poder da Comissão do Vaticano que analisa o caso da canonização do padre Ibiapina. Tais obras estão no arquivo eclesiástico da Diocese de Guarabira, com acesso restrito.



Asclépio, a figura de Cristo. São invocações gravadas em pedras ou grafites sobre paredes [...] Pedras com invocações a Asclépio são reviradas, e nelas se inscrevem doravante invocações dirigidas a Cristo. As escavações demonstram que o fato é global e se verifica por toda a extensão do Império Romano: Cristo vai aos poucos substituindo Asclépio, num processo que demora séculos e culmina, no ano 381, com a proclamação oficial de Cristo como “salvador do povo romano” pelo imperador Teodósio. A partir desse momento, Cristo reina soberano sobre o imaginário ocidental e não encontra mais nenhum rival à sua altura[...] (HOORNAERT, 2013, p. 3 - 10).

O que temos acima é um exemplo histórico da práxi cristã nos primeiros séculos. Tais práticas ainda permanecem e são repetidas diariamente por várias denominações religiosas; práticas essas que compreendemos como de intolerância religiosa. Mas ensinamos demonstrar que ao tocar fogo nas violas do samba, o padre Ibiapina, mesmo de forma intolerante para os dias atuais, substituía as pedras de Asclépio pelas de Jesus Cristo. Seria uma ressignificação cultural, temas já tratados no capítulo I.

Nesta mesma missão em Bananeiras ocorre outro episódio, continuidade do citado na página 45 dessa dissertação, com o crucifixo:

[...] que com as artes necessárias empregadas por muitos homens diligenciavam subilo ao ar, para ser colocado no pedestal. Em chegando o pé do cruzeiro no lugar destinado, em vez de equilibrar-se pendeu para um lado, que aterrou todo o auditório e todos gritaram: Misericórdia! Acaba-se tudo! Pois iam ser esmagados pelo cruzeiro, tal foi a forma que ele ficou. Mas sendo ele suspenso pela Providência Divina e as orações do Santo Apóstolo, viu-se como por um milagre a Santa Cruz tomar novo equilíbrio e cair direito no lugar destinado (CARVALHO, 2008, p. 50).

O cruzeiro ou crucifixo era uma marca de todas as missões jesuíticas. Mesmo nos dias de hoje se fixa um símbolo visível para servir de referencial da ação evangelizadora na região. Aqui recorreremos novamente a analogia simbólica presente nessa construção imagética da cruz. O crucifixo das missões é uma peça de madeira em forma de cruz fixado geralmente em frente da igreja onde ocorria as celebrações missionárias.

Nas páginas 48 a 50 versamos do *Axis Mundi* utilizando como centro cosmogônico o açude. Sua simbologia restauradora do mundo sagrado, de uma restauração do tempo presente e o acesso ao sagrado, mesmo que seja por um instante eterno ressignificando seu existir humano. Várias tradições antigas assimilaram no centro do *Axi Mundi* um poste, uma árvore, uma montanha ou mesmo uma cidade. Esse poste serve como eixo cósmico, um pilar central do mundo, ou mesmo uma escada intermediária entre os 3 cosmos (céu, terra, inferno). Tradição bastante presente nas religiões centro asiáticas e siberianas. Para Eliade (1972) esses simbolismos do centro cosmogônico poderiam ter influências de esquemas cosmológicos indo-iranianos e mesopotâmicos.

[...] a história das religiões conhece um número considerável de construções rituais de um «Centro». Notemos apenas uma coisa, importante a nosso ver: na medida em que os antigos lugares sagrados, templos ou altares perdem a sua eficácia religiosa, descobrem-se e aplicam-se outras fórmulas geomânticas, arquiteturais ou iconográficas que, ao fim e ao cabo, representam por vezes de maneira bastante estranha, o mesmo simbolismo do «Centro». (ELIADE, 1979, p. 51)

Assim sendo, o crucifixo é um tipo de eixo cosmogônico fixado no centro das missões, que depois de concluída servia de escada, de elo entre a terra e os céus. Tendo se convertido, trazido ao seio da igreja-comunidade, poderá a qualquer tempo rememorar e reatualizar o mito e o rito de acesso ao Centro Cosmogônico em busca de sua condição natural anterior a queda adâmica. Ao utilizar-se dessa didática catequética do eterno retorno por meio do crucifixo, Ibiapina se utilizava do poder da imagem

para fixar seus discursos no cotidiano dos devotos e beatas, do povo das missões. Ao passo que os dotava de um conjunto de signos capazes de fidelizá-los aos ideais cristãos e a aliança destes com Jesus e Maria. Essa dinâmica pode ser percebida nos relatos de curas, nos cantos, nos festejos, nas atividades missionárias, em seus poemas e cartas.

Graças a cultura, um universo religioso dessacralizado e uma mitologia desmitificada formaram e nutriram a civilização ocidental, a única civilização que conseguiu tornar-se exemplar. Temos aí mais que um triunfo do logos sobre o mythos. É a vitória do livro sobre a tradição oral, do documento — sobretudo do documento escrito — sobre uma experiência vivida que só dispunha de meios de expressão pré-literários. Muitos textos escritos e obras de arte antigos pereceram. Os que restaram, entretanto, são em número suficiente para reconstituir em suas grandes linhas a admirável civilização mediterrânea (ELIADE, 1972, p 111).

3. CAMINHOS DE IBIAPINA

A figura abaixo retrata um dos caminhos de peregrinação do padre Ibiapina. Esse circuito é desenvolvido até os dias de hoje. Aos romeiros são ofertadas quatro opções de trilhas aos moldes do Caminho de Santiago de Compostela na Espanha, com o intuito de promover o turismo religioso na região. O roteiro foi inaugurado oficialmente no dia 15 de abril de 2003.

Os Caminhos de Ibiapina (Guarabira a Solânea)



Fonte: Acervo Pessoal

Desse legado no Estado da Paraíba, influenciado pelos aspectos acima descritos, ressurgiu nos últimos anos do século XX por meio das irmãs missionárias do MFRAC através de um convite feito pelo então bispo de Guarabira, Dom Antônio Muniz Fernandes, que as convidou para administrar as ruínas da Casa de Caridade em Arara. Logo transformado em santuário com o apoio do então governador do Estado, José Targino Maranhão, através de um plano denominado Plano Amanhecer Paraíba, que objetivava o resgate histórico, arqueológico e arquitetônico da região.

região.

Na visita participante do dia 19 de fevereiro de 2017, ocasião da Festa Religiosa dos 134 anos de morte do padre Ibiapina, tive a grata surpresa de reencontrar com as irmãs Vera e Glória protagonistas desse processo religioso em Santa Fé. Na ocasião a irmã Glória me relatou que a Caminhada teria tido início em outubro de 1997 por um convite feito pelo padre Cristiano. Que ao chegar em Santa Fé apenas a Casa Grande estava reformada e que o mato e as palmas tomavam conta das demais áreas. Por meio dos mutirões a comunidade começou a cuidar e limpar as áreas até então descuidadas. A primeira caminhada dos Caminhos de Ibiapina foi organizada por uma equipe formada pelos padres Cristiano, Pe. Cícero, Pe. Jandelson e as duas irmãs, Vera e Glória. O objetivo era sair de Arara com destino ao Juazeiro do padre Cícero refazendo a pé o mesmo caminho feito pelo padre Ibiapina, era o início do mês

de outubro de 1997 e contou com a participação de 55 pessoas. Retornando da Caminhada, no dia 19 de outubro de 1997, quando é celebrada a primeira missa no santuário em memória do falecimento do Padre Ibiapina. Desde então as missas seguem sem interrupções. A irmã Glória relembra que essa primeira missa foi celebrada em cima de um caminhão e que a comunidade estava visivelmente muito agradecida e alegre.

O roteiro das Caminhadas é quase sempre por estrada de barro, entre as serras e vales. Outros grupos organizam cavalgada e passeios de bicicleta. A 11ª Caminhada organizada pelo grupo Peregrinos da Fé¹¹ (figura abaixo) aconteceu entre os dias 14 a 16 de julho de 2017. A caminhada é concluída com uma missa no Santuário. Nesta última estava prevista a participação do arcebispo emérito da Paraíba Dom José Maria Pires, cancelada antecipadamente por incompatibilidade de datas com outros compromissos assumidos pelo Arcebispo. O grupo Peregrinos da Fé costuma compartilhar as experiências nas redes sociais e divulgam antecipadamente as próximas caminhadas. Outros grupos também realizam esta e outras rotas dos Caminhos de Ibiapina. Por impossibilidade física este pesquisador não participou da Caminhada, pretendendo realizá-la logo que seja possível, independente do interesse acadêmico desta dissertação.

Os Caminhos de Ibiapina 2017 – Cruzeiro de Roma



Fonte: <https://www.facebook.com/peregrinosdafe.joaopessoa?fref=ts>

¹¹ Grupo de leigos devotos do padre Ibiapina. Para mais detalhes sobre a Caminhada e os caminhos realizados por esse grupo acessar <https://www.facebook.com/peregrinosdafe.joaopessoa?ref=ts&fref=ts>



Tabela 1 - Caminhos de Ibiapina

TRILHA	PERCURSO	CIDADES ENVOLVIDAS
VIA CRUZEIRO DE ROMA OU CAMINHO VIA ROMA	60 KM Guarabira a Santa Fé	Guarabira (Memorial Frei Damião), Pirpirituba, Bananeiras, Solânea Arara
VIA TÚNEL SAMAMBAIA	55,1 km Guarabira a Santa Fé	Guarabira, Pirpirituba, Bananeiras, Borborema Solânea; Arara Cachoeira do Roncador, Sítios e Fazendas antigas
VIA CRUZEIRO DO ESPINHO	47,4 km Guarabira a Santa Fé	Guarabira; Piõeszinho Pilões Serraria; Solânea
CAMINHO DAS ARTES	90 km Guarabira a Santa Fé	Cuitegi, Alagoinhas, Alagoa Grande, Areia, Muquem, Santana, Barragem do Rauá, Cachoeira do 15

Fonte: do autor do artigo

Um outro roteiro pouco explorado é o de Araruna a Santa Fé. Este roteiro consta do início do Plano Amanhecer Paraíba. A Matriz Santuário Nossa Senhora da Conceição em Araruna é o ponto de partida, passando pelo Santuário de Nossa Senhora de Fátima da Pedra da Boca, Pedra do Letreiro e assim se instituiu o Memorial e Santuário da Pedra da Boca e do Letreiro como parte integrante ao complexo de Santa Fé, passando por vários municípios até chegar em Arara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma se oferece outras condições para uma consolidação da cultura religiosa - os Caminhos de Ibiapina. Sabendo-se que a Imitação de Cristo foi o modelo fundante e norteador da vida e da religiosidade popular desse contexto em estudo. A vida e a morte, a ressurreição e regeneração, o comer e beber, o casar e o trabalhar se dão nessa perspectiva mítica. Os agentes literários, acima descritos, fazem parte desse arcabouço cristão, uns menos e outros mais, de valorização e resgate da manifestação do sagrado no ambiente católico. Mas todos colaboram em igual medida para salvaguardar a memória de práticas cristianizantes no Brasil do século XXI (KEMPIS, 2014, p.17).

Referência Bibliográfica



CAVALCANTI, Carlos André. Ana Paula (Orgs.). **O que se vê nas religiões?** São Paulo: Editorial, 2015.

CARVALHO, Ernando Teixeira de. **A missão Ibiapina.** Passo Fundo: Berthier, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa** O sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica: Perspectivas do Homem.** Lisboa: Edições 70, 2000.

____. **Campos do Imaginário.** Lisboa: Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2010.

____. **Mito e Realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

____. **Imagens e Símbolos.** Lisboa: Arcádia, 1974.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HOORNAERT, Eduardo. “**Memória de Ibiapina, o leigo e o sacerdote**”, in REB, fasc. 266, abril, Brasília: 2007. p. 419-430.

____. et Silveira, Ildefonso. **Crônica das casas de caridade fundadas pelo Padre Ibiapina.** São Paulo: Loyola, 1981.

____. **O que há por traz da religiosidade popular.** Revista Vida Pastoral. Março–abril de 2013, fasc. 289, p. 03-10. In: <http://vidapastoral.com.br/o-que-ha-por-tras-da-religiosidade-popular.html>

____. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 – 1800:** ensaio de interpretações a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1974.

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo: com reflexões e orações de São Francisco de Sales.** Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARIZ, Celso. **Ibiapina, um apóstolo do Nordeste.** Fac-simile da edição de 1942. 3ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1997.

MENEZES, Eduardo Diathay B. De. **Padre Ibiapina Figura Matricial do Catolicismo Sertanejo do NE.** RIC: Fortaleza, Século XIX- ANNO CXII – 1998, p.73 a 98.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 Ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Diógenes Faustino do. **O Imaginário da Libertação pela caridade: Ibiapina e as missões de Santa Fé na Paraíba.** 2017. DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências das Religiões – CE/PPGCR). PARAÍBA: UFPB, 2017. CDU 2-853(043).

NOGUEIRA, Paulino. **O padre Ibiapina.** ANNO II . Fortaleza: RIC, 1888, p. 157 – 220.

____. **Apontamentos autobiográficos do bel.** Paulino Nogueira Borges da Fonseca e de seus parentes, pais, irmãos e tios. ANNO LXXIV. Fortaleza: RIC, 1960, p.270 a 285.



SILVA, José Paulino Duarte da. **O padre Ibiapina. Paraíba:** A Imprensa, 1913. in: Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXVII – 1913, p. 189-202.

____. **O Padre Ibiapina:** notas sobre a sua vida, extrahidas do archivo da Casa de Caridade de Santa Fé e dadas a lume pelo autor. Parahyba do Norte: Typ. Pernambucana, 1915. In: Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXIX – 1915, p. 90 – 142.

TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

VILHENA, Maria Angêla. **RITOS: EXPRESSÕES E PROPRIEDADES.** São Paulo: Paulinas, 2005.

LINKS PARA ACESSAR IMAGENS E VIDEOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Padre Ibiapina: Portal Youtuber (acervo público e pessoal)

https://www.youtube.com/playlist?list=PL9EM_C91AQdF8fgz0wy5Vgf0GtRAsVqd2, em acesso em 28/02/2017, 20:30.

Imagens da Observação Participante: Portal Facebook (arquivo pessoal)

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1209174949138444.1073741879.100001378505062&type=1&l=2e802e3272>; acesso em 22/02/2017, 15:30.